

O CORPO NA DANÇA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS OLHARES DA INDÚSTRIA CULTURAL

Marília Nepomuceno

Secretaria Estadual de Educação, Goiânia, Goiás, Brasil

Resumo

O objetivo do estudo é compreender como a Indústria Cultural influencia os movimentos dançantes dos frequentadores dos espaços informais de danças em Goiânia, sendo esses espaços compreendidos como os locais onde algumas pessoas se reúnem para dançar e para praticar o lazer. Realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, com questionários semiestruturados e observações registradas por meio de anotações, com o intuito de responder a seguinte questão: Como a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos que dançam nos espaços informais de Goiânia? Por meio dos resultados, percebe-se que a indústria cultural vem se mostrando bastante eficaz na função de desacostumar os indivíduos de expressarem suas subjetividades.

Palavras-chave: Corpo – Dança – Indústria Cultural

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de compreender como a indústria cultural influencia os movimentos dançantes dos indivíduos que frequentam espaços informais de danças em Goiânia, sendo esses espaços compreendidos como os locais onde algumas pessoas se reúnem para dançar e desenvolver outras atividades de lazer.

Ao observar esses espaços, percebem-se como as danças de algumas pessoas são parecidas e até mesmo iguais ao que constantemente vemos por meio das grandes mídias. E o mais curioso é que, para um número significativo de pessoas, essas danças parecem a única razão de ser, sem nenhuma possibilidade de busca pelo diferente.

A partir disso questiona-se: Como a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos que dançam nos espaços informais de Goiânia?

As danças difundidas pelas grandes mídias como, por exemplo, a

televisão, vem se inserindo no contexto no qual Benjamim (1992) destaca a reprodutibilidade técnica. Percebe-se que estas danças vêm sendo utilizadas de maneira bastante descontextualizada por muitos indivíduos.

Ao público que consome essas danças não é dada a oportunidade de pensar em criar, o qual só quer reproduzi-las com o intuito de se entreter. Dessa forma, observa-se um profundo esvaziamento da criatividade das pessoas ao pensar a dança e ao praticá-la.

Diante disso, para alcançar o objetivo e responder ao problema deste trabalho, realizou-se uma pesquisa em cinco espaços informais de danças, distribuídos por diversos setores de Goiânia. Ao adentrar nos locais, procurou-se observar e entrevistar pessoas que apresentaram destaque em relação ao grupo como um todo ao dançar, bem como aqueles que tivessem disponibilidade para dialogar e responder ao questionário.

Realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo com questionários semi estruturados seguidos de observações registradas mediante anotações, com 32 sujeitos nas casas de danças de Goiânia – Goiás. De acordo com Triviños (1987, p. 146), a pesquisa qualitativa semiestruturada “valoriza a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo dessa forma sua investigação”. Já a observação, para este mesmo autor, é importante, pois satisfaz a necessidade da pesquisa, uma vez que dá ênfase à relevância do sujeito. Ou seja, observando o sujeito é possível melhor compreender os significados que eles atribuem aos fatos que os cercam.

Tanto a entrevista quanto a observação livre da presente pesquisa foram primeiramente avaliadas e agrupadas. Para melhor compreensão e análise dos dados, as entrevistas semiestruturadas foram submetidas à análise estatística utilizando-se, para isso, o programa de computador Excel. Este programa contribuiu para determinação das porcentagens. Segundo Triviños (1987, p. 118), “[...] toda pesquisa pode ser ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa”, no entanto o que as diferencia é que esta não fica exclusivamente em dados estatísticos avançando em sua investigação. Este será nosso objetivo a seguir.

Dança: a arte do corpo sobre influência da indústria cultural

O corpo humano, este território vasto e repleto de características

tanto biológicas quanto sociais e culturais, talvez seja o local em que a vida se manifesta de maneira mais sublime, visto que é marcado por peculiaridades como, por exemplo, a capacidade de realizar trabalho, pensar e exteriorizar seus pensamentos por meio de linguagens, gestos e emoções, influenciando dessa forma sua maneira de agir na sociedade.

Sant'anna (2001, p. 7) afirma que "[...] o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e ao mesmo tempo escondê-lo". Já Baptista (2007, p. 40) o compreende como "expressão material e espiritual do ser humano." Diante disso, uma coisa é certa, estamos em nosso corpo, ou melhor, somos o nosso corpo e para melhor compreender seus vários sentidos são necessários olhares diferenciados de diversas áreas do conhecimento, e isso vem ocorrendo desde a antiguidade.

Na atualidade, é nítida a destruição que ocorre em nossos corpos, já que, devido aos interesses do modo de produção atual, ele vem sendo tratado como mais uma mercadoria a ser consumida, como bem demonstra Baptista (2007).

Nesse sentido, a busca pelo consumo exacerbado, que é o real interesse do modo de produção capitalista, acaba desencadeando nas pessoas uma busca ideológica pela satisfação pessoal. Essa constante busca pela satisfação pessoal se manifesta no padrão estético de corpo que é difundindo pela indústria cultural.

A indústria cultural é um termo utilizado por Adorno e Horkheimer (1985), filósofos da escola de Frankfurt¹, com a finalidade de distinguir as culturas que surgem espontaneamente das massas daquelas que são constantemente usadas pelos veículos de comunicação sobre o domínio da classe dominante. O interesse prioritário desta indústria é produzir bens culturais com o objetivo único de gerar lucro, utilizando, para isso, fortes estratégias de convencimento.

As estratégias utilizadas pela indústria cultural são tão convincentes que a maioria das pessoas não compreende a pressão que ela exerce sobre cada indivíduo. Além do mais, é fato que a maioria dos indivíduos não identifica que grande parte de suas ideias são muito semelhante às que frequentemente são mostradas pelas grandes mídias (BAPTISTA 2007).

1-Entende-se por escola de Frankfurt o conjunto de autores que trabalhavam com a "teoria crítica" no instituto de pesquisa social da Alemanha.

Ademais, o padrão de corpo que esses veículos expõem são facilmente aceitos pela maioria dos indivíduos sem um mínimo de reflexão crítica. Para garantir sua missão, a indústria cultural expõe pessoas “[...] de projeção na sociedade de consumo - estrela de televisão - são pessoas que sustentam a filosofia do divertimento. Têm prestígio, são modelos de corpos” (CARVALHO, 1999, p. 244).

Por meio dos conteúdos que se tornam acessíveis pelos diversos meios de comunicação de massa, as pessoas acabam convencidas de que o melhor é serem parecidas com o que é exposto pela mídia. Este padrão de semelhança irá se refletir em diversos meios da sociedade e inclusive no corpo que dança.

Na atualidade, com os constantes bombardeios de informações expostos pela indústria cultural, transformações vêm ocorrendo na arte da dança. Hoje ela também vem sendo tratada como mais uma mercadoria. Vemos que constantemente é produzido e transmitido pelas grandes mídias um modelo de dança que banaliza os corpos com seus movimentos estereotipados e com fortes apelos sexuais. Perdem-se, na falta de imaginação, espontaneidade e expressão e se ganha com ibopes altos para emissoras que transmitem narcoticamente essas danças para sociedade. Assim:

[...] Podemos dizer que as danças difundidas pelos meios de comunicação em massa (revista, cinema, videoclipes, etc...), principalmente pela televisão, através de grupos de Axé, Pagode, Funk, Lacraias e as coreografias dos programas televisuais, a exemplo dos apresentados domingo à tarde, são reentrantes. É interessante percebermos que tais danças têm um apelo, predominantemente erótico e sexual. É mais instigante ainda notar a adesão em massa da população por meio da aceitação e legitimação de tal padrão de comportamento. Vemos, dessa forma, as pessoas dançarem ao som de uma música caótica, repetitiva e sem mensagem alguma e que nos torna cada vez mais “brutos”. (SANTOS, 2008, p. 39).

A indústria cultural prima pela diversão, seu controle sobre as massas é mediado pelo entretenimento, mesmo que para isso tenha de divulgar imagens caóticas sem nenhum valor educacional. O público acaba por aceitar tudo sem refletir criticamente e, desse modo, não pensa que “diversão não quer dizer tolice, tal como arte séria não quer

dizer chatice” (FISCHER, 2002, p. 239).

De acordo com Adorno e Horkheimer (1985), todos somos escrupulosamente forçado a passar pelo filtro da indústria cultural, e seus produtos são consumidos até mesmo pelos mais distraídos. Entretanto, o que diferencia os escrupulosamente influenciados dos que são forçados a passar pelo filtro da indústria cultural é a consciência crítica e a capacidade de desmascarar ideologias que este último exerce sobre os fatos a sua volta.

Outra característica interessante percebida pelos filósofos frankfurtianos, sobre as influências dos bens produzidos pela indústria cultural, é em relação ao esquematismo que ela propõe, ou seja, para os consumidores não há coisa nenhuma a rotular que não tenha sido antecipada no esquematismo da produção (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Todo esse esquematismo, na visão desses autores, não permite que as pessoas reflitam criticamente. Assim, quanto mais expostos os corpos dos dançarinos, quanto mais eróticos os movimentos, quanto mais parecidos com seus ídolos forem, mais divertido será (BERGERO, 2006).

Em relação às danças expostas pelos meios de comunicação de massa, e que são reproduzidas por um grande número de pessoas, pode-se observar que é quase impossível ver indivíduos que coloquem sua personalidade e sua identidade em suas danças, pois eles apenas as consomem, não participam do processo de criação. A fácil aceitação às coisas prontas acaba por reduzir a espontaneidade e expressividade de muitos indivíduos (GONÇALVES, 2004).

Os modelos de dança que são constantemente mostrados pela indústria cultural invadem de maneira acrítica o corpo/movimentos de um número bastante significativo de indivíduos. Com coreografias prontas, a indústria da cultura mostra um modelo de dança que é tido como o melhor. Em consequência, as pessoas se convencem de que esses movimentos são os únicos a serem feitos, e geralmente quem foge a essa normatização acaba se sentindo ridículo, pois o normal para esse público é ser semelhante. Assim:

Algumas modalidades de danças principalmente as aceitas em festas, boates, danceterias, são marcadas pela pseudo-individualização, por projetar nos sujeitos dançantes algo que lhes confere certo grau de liberdade quanto ao movimento, o desejo de dan-

çar por conta própria. Entretanto esse grau de liberdade é prescrito pela estandardização, no sentido de que os movimentos já se tornaram normatizados ou padronizados, a ponto de serem identificados em todos os dançantes, mesmo que dançam separados um do outro e não queiram dançar juntos. É restrita a possibilidade de se sair da estereotipia de movimento, sendo severamente delimitada qualquer espécie de movimento espontâneo, não prescrito pelo ritmo da música, pelo ambiente ou mesmo pelos sujeitos envolvidos. O sujeito dançante se submete à estandardização para sentir, em primeiro lugar que está pisando em solo firme, que não está dando vexame. (MARTINS CARNEIRO, 2004 apud BERGERO, 2006, p. 63).

Toda essa estandardização que vem ocorrendo nos corpos dos indivíduos que reproduzem massivamente essas danças é possibilitada pela indústria cultural. Sabemos que existem canais de televisão e, mais recentemente, vídeos na internet que se prestam a mostrar constantemente videoclipes musicais. Esses vídeos divulgam para a sociedade um modelo de dança facilmente aceito.

Os indivíduos que copiam essas danças procuram reproduzir fielmente os passos predeterminados, restando dessa forma pouco ou nenhum espaço para a criatividade ao dançar. Um dos jovens entrevistados nas casas de danças manifestou-se: “eu não crio nada [...] eu não tenho cabeça para criar nada [...] é muito mais fácil copiar”.

Toda essa padronização que a indústria cultural tanto incentiva acaba por atrofiar a capacidade reflexiva do indivíduo. Além disso, como tudo é dado facilmente a ele, não há a necessidade de pensar, ou seja, ninguém precisa se responsabilizar oficialmente acerca do que pensa (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Dessa forma, cabe pensar, com tanta reprodução do que já está pronto, onde vai parar a subjetividade das pessoas consumidoras desse processo?

Uma coisa é certa, os meios de comunicação de massa, como, por exemplo, a televisão, podem contribuir de uma maneira negativa na formação da consciência das pessoas. Isso acontece porque muitos sujeitos não conseguem digerir de uma maneira crítica alguns conteúdos que ali são expostos.

Na visão de Theodor W. Adorno (1995), a televisão exerce uma função deformativa perante a sociedade, pois propaga ideologias con-

duzindo de uma forma equivocada a consciência das pessoas. Para o frankifurtiano, a televisão age na tentativa de ocultar a realidade e incutir nos indivíduos uma falsa consciência.

Em face desse contexto, e na expectativa de melhor compreender como se dá a influência da indústria cultural nos corpos/movimentos dançantes dos frequentadores dos espaços informais de danças em Goiânia, realizou-se uma pesquisa em diversos locais da cidade, onde as pessoas se reúnem para dançar e desenvolver diversas atividades de lazer. Os resultados serão mostrados a seguir.

Discutindo a pesquisa realizada nos espaços informais de danças

Foram entrevistados 32 indivíduos em 5 espaços informais de danças distribuídos por diversos setores de Goiânia – Goiás. Ao adentrar nos locais procurou-se observar, por meio de anotações e entrevistas, sujeitos que apresentassem destaque em relação ao grupo como um todo ao dançar. Também foram levados em consideração o interesse e a disponibilidade das pessoas em participar da entrevista.

A partir das entrevistas, verificou-se que 28% dos indivíduos possuem idade entre 15 e 20 anos, 38% entre 21 e 25 anos, 19% entre 26 e 30 anos, 3% entre 31 e 35 anos, 9% entre 36 e 40 anos, e 3% entre 56 e 60 anos. Percebe-se que os jovens estão entre o público que mais frequenta esses espaços.

Em relação ao sexo das pessoas que frequentam esses espaços, houve uma predominância do público feminino com 62% de entrevistadas. O público masculino foi um pouco menor, apenas 38%. Essa diferença talvez seja pelo fato das mulheres se destacarem mais enquanto dançam.

Como o foco principal deste trabalho é compreender como a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos que dançam nos espaços informais de Goiânia, a seguir, será mostrado como alguns frequentadores desses recintos pensam o corpo. Os dados estão demonstrados no gráfico a seguir:



Gráfico 1 - Conceção de corpo dos sujeitos entrevistados nos espaços informais de dança de Goiânia

A partir dessas respostas, percebe-se a importância de se compreender a história para melhor entender a sociedade. Nota-se que a grande maioria dos entrevistados se aproxima da visão de corpo cartesiana, em outras palavras, o corpo, para essas pessoas, parece ser entendido como algo meramente biológico.

Em relação ao grande número de pessoas que pensam o corpo indubitavelmente como expressão de sensualidade e de saúde, talvez seja pelo fato do poder de convencimento que a mídia exerce sobre esses indivíduos. Já que, como veremos mais adiante, esta vem exercendo eficazmente seu papel. Dessa forma, há de considerar que:

Os meios empregados pela propaganda são, geralmente, aqueles que se utilizam, de maneira subliminar ou não, de imagens de juventude em liberdade, imagens de opulência e saúde, temperadas pelo erotismo, para vender os mais diversos produtos. (SILVA, 2001, p. 60)

Essa fartura de oferta propagandista entra facilmente nas casas das pessoas e contribui para influenciar a apreensão e assimilação dos indivíduos, visto que muitas pessoas a consomem de maneira ilusória e superficial.

Além disso, foi questionado aos indivíduos o que eles costumam fazer em seus momentos de lazer. Os resultados estão demonstrados no gráfico a seguir.

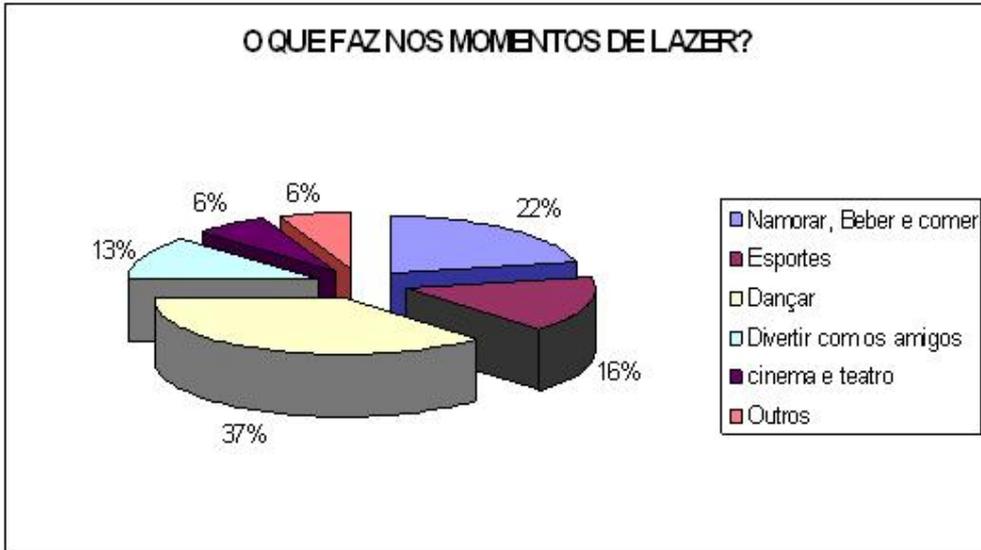


Gráfico 2 – Momento de lazer dos sujeitos entrevistados nos espaços informais de dança em Goiânia

Observando esse gráfico e verificando que um número significativo de pessoas entrevistadas na pesquisa se interessa impreterivelmente em namorar, comer e beber, é interessante trazer à baila a seguinte reflexão de Marx (2003):

Assim chega-se a conclusão de que o homem só se sente livremente ativo em suas funções animais- comer, beber e procriar, quando muito, na habitação e no adorno, etc. Enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal. (MARX, 2003, p. 114).

Isso quer dizer que, em uma sociedade em que se prima pela competitividade e interesses individuais, em que muitas pessoas são excluídas, sem oportunidade de escolher fazer o que gosta, em outras palavras, são presas pelo modo de produção atual, temos que concordar com Marx (2003) que o ser humano só vai se sentir livre e se divertir em suas funções animais.

Em relação à dança, nota-se que 37% dos indivíduos entrevistados afirmaram gostar de dançar em momentos de lazer. Apesar de grande parte dos entrevistados afirmar que gosta de dançar em seus momentos de lazer, a maioria pouco se preocupa em compreender o que está dançando. Isso nos remete a Adorno e Horkheimer (1985) quando destacam que, na lógica da indústria cultural, o esforço intelectual é

intensamente evitado. Assim fica mais fácil disseminar para a sociedade o que deve ser consumido e gerar lucros.

Com o intuito de melhor compreender se há influência dos meios de comunicação de massa no jeito das pessoas dançarem, questionou-se, aos entrevistados nos espaços informais de danças, sobre qual a fonte de informação na qual eles tiveram acesso às danças que ali praticavam. Os dados estão divulgados abaixo:

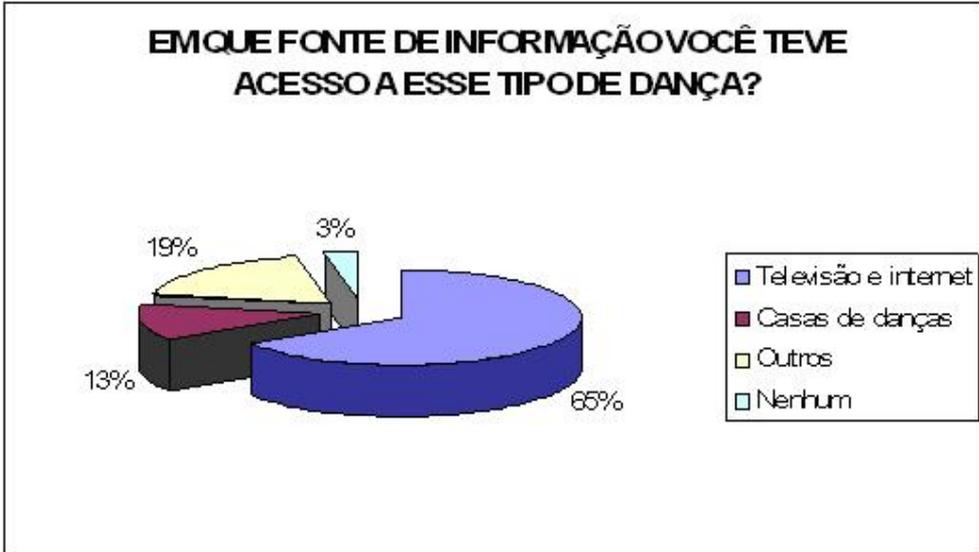


Gráfico 3 – Fonte de informação onde os sujeitos entrevistados tiveram acesso a dança que ali dançavam

A partir disso, nota-se como a televisão e a internet são meios de informação importantes e eficazes na atualidade. Ademais, por meio dessas respostas, fica mais fácil entender por que essas pessoas dançam essencialmente semelhantes aos modelos expostos por essas mídias.

Na expectativa de compreender como se dá a influência da indústria cultural nos corpos/movimento dos frequentadores de espaços informais de danças em Goiânia, foi questionado aos indivíduos como eles aprenderam suas danças. Os dados estão expressos no gráfico abaixo.



Gráfico 4 – Maneira como os sujeitos entrevistados aprenderam a dançar

A partir dos resultados obtidos, percebe-se que um número significativo das pessoas que frequentam esses espaços, 21%, aprendeu a dançar olhando a televisão. Mais uma vez evidencia-se a eficácia que a indústria cultural exerce na sociedade. Os públicos consumidores copiam essas danças e as reproduzem em diversos lugares sem levar em consideração suas subjetividades.

Outro fato curioso apontado por Bergero (2006) é que a mídia, além de mercadorizar essas danças, e por que não dizer o movimento corporal humano, mexe com a estrutura das danças quando são difundidas por meio de videoclipes. Para a autora:

[...] outra interpretação poderia ser feita a respeito da estrutura e da forma das danças difundidas por meio de vídeos clips, nos quais todos dançam de frente, ao mesmo tempo e praticamente sem deslocamentos, fato que se explica com a razão da necessidade de entrar no visor da câmara, é dizer que a estrutura da dança é elaborada para ser televisionada. (BERGERO, 2006, p. 64).

Ou seja, a televisão determina até mesmo a maneira das pessoas se movimentarem. De fato a indústria cultural tem feito um trabalho negativo perante a sociedade. Podemos perceber que uma grande parcela dos indivíduos perdeu seus gostos e capacidade de escolher. Hoje as

ideias midiáticas vêm se destacando na sociedade e causando uma trágica padronização. Desse modo, outra pergunta feita aos entrevistados na pesquisa foi em relação ao papel da mídia em suas danças. Observem o Gráfico 5:

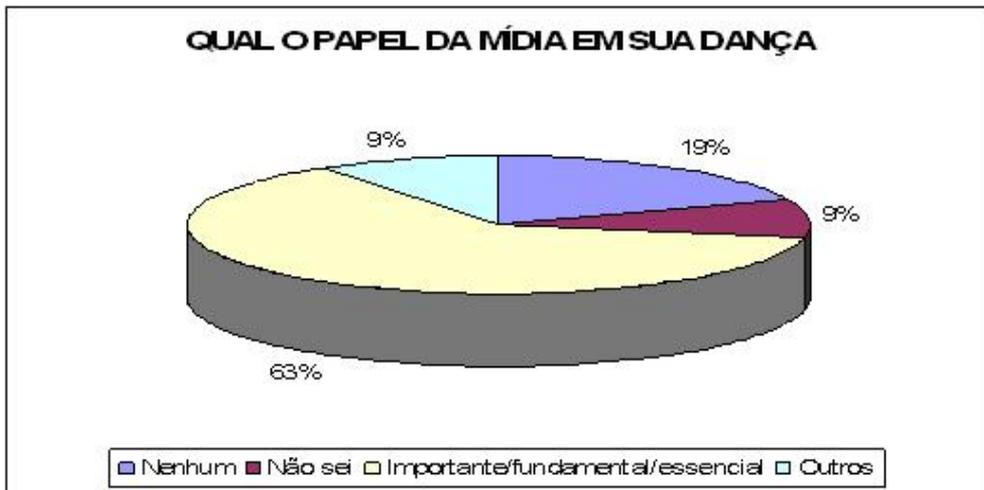


Gráfico 5 – Influência da mídia nas danças dos sujeitos entrevistados

Percebe-se como a mídia tem um poder dominador diante dessas pessoas. Em seus relatos, muitos afirmaram ser a mídia fundamental em sua dança. Uma jovem entrevistada denominada M5 assim relatou: “a mídia é tudo, eles que revela”; já outra denominada de M6 disse: “copio os passos para não errar”. Para Adorno e Horkheimer (1985), é uma das funções da indústria cultural colocar a reprodução com algo absoluto.

A vida de muitas pessoas parece estar contida em superficialidade, em que a lógica é estar de acordo com tudo o que é proposto pela indústria cultural. É fato que não dá para desconsiderar Adorno e Horkheimer (1985) quando comentam que estamos vivendo um período de caos em nossa cultura, já que a indústria da cultura atribui a tudo um ar de semelhança.

Com o intuito de melhor entender como a questão da criatividade vem sendo pensada na atualidade, foi perguntado aos entrevistados o que é melhor para eles, criar suas danças ou copiar as que já estão prontas. Os resultados são mostrados logo abaixo.

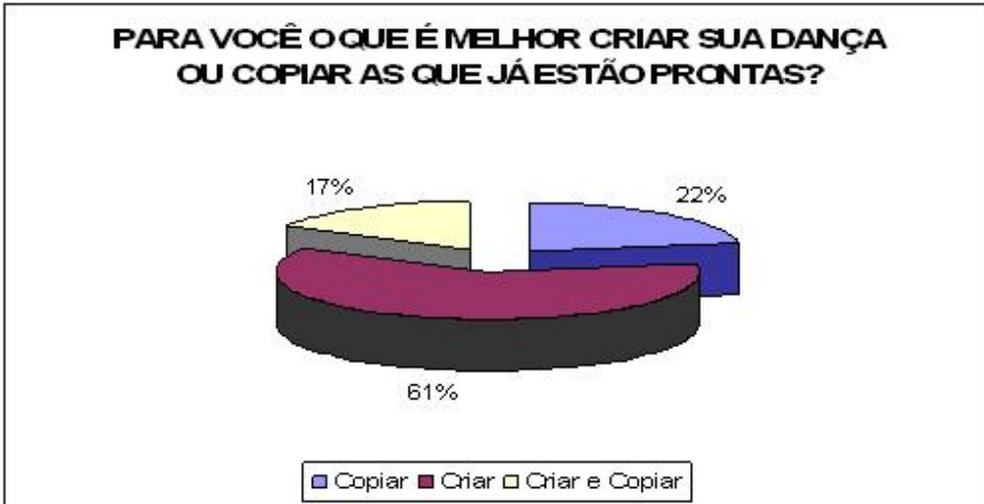


Gráfico 6 – Maneiras como os indivíduos entrevistados preferem realizar suas danças

Como podemos perceber, a maioria das pessoas afirmou preferir criar suas danças, todavia, ao observar essas pessoas dançando nos seus momentos de lazer, não são perceptíveis movimentos originais e sim uma mistura de tudo o que vimos constantemente através dos meios de comunicação de massa. Isso nos remete a Aranha (1996) ao destacar que:

Na sociedade marcada pelo imperialismo do trabalho e da razão instrumental tem sido difícil para o trabalhador ocupar seu tempo de forma criativa, já que se encontra achatado na unidimensionalidade, sem a invenção, a imaginação e a fantasia. Com frequência o tempo livre é usado para liberar fadigas, reproduzir práticas da moda e sucumbir o tédio. (ARANHA, 1996, p. 239).

Observando essas pessoas, percebe-se também que elas não estão interessadas em serem criativas ao dançar. Para elas, ali é um momento de diversão e, para essas pessoas, diversão e criação não podem caminhar juntas, porque criação exige esforço intelectual. E como bem destaca Aranha (1996), seus momentos de lazer são para sucumbir o tédio a que são submetidos em seus momentos de trabalho.

A seguir será mostrado na íntegra a fala de um sujeito entrevistado nos espaços informais de danças quando questionado sobre se cria ou copia suas danças. Eis as resposta: “Copiar é melhor, porque eu gosto

de fazer o que os outros estão fazendo. Criar exige responsabilidade” (H8).

Percebe-se, a partir desta fala, que esse sujeito não tem interesse pelo ato criativo. Tudo isso nos leva a perceber o porquê se instaura facilmente a padronização em nossa sociedade. O diferente é discriminado na contemporaneidade, por isso copiar se torna mais fácil.

Hoje, mais do que nunca, o ato criativo é imprescindível para a humanidade, pois em meio a tanta padronização é somente buscando pelo inédito que o indivíduo se tornará singular. Pode-se dizer que é nos momentos de criação que se enxerga o que há de genuinamente humano nas pessoas (TAFFAREL, 1995).

O último questionamento da pesquisa dá ênfase a como vem sendo tratado o ensino da dança na escola. Nesse sentido, foi perguntado aos participantes da pesquisa se a escola contribuiu no conhecimento deles sobre dança. Eis as respostas:



Gráfico 7 - Participação da escola no conhecimento sobre o ensino da dança

Percebe-se que a escola não participou do conhecimento sobre dança de um número significativo de pessoas entrevistadas. Para as que responderam sim, o conhecimento que tiveram foram somente reproduzindo coreografia ou assistindo a algum concurso e apresentações de outras pessoas. Isso está expresso na fala dos entrevistados da seguinte maneira:

“uma vez me ensinaram para uma apresentação” (H 7)

“já participei de concursos de forró e axé na escola” (M11)

É importante destacar que, para esses entrevistados, o ensino da dança na escola quase não existiu. Isto se deve ao fato da pouca importância que ela tem como conteúdo da Educação Física escolar ou da Educação Artística. Brasileiro (2003) destaca que a dança na escola aparece como forma de apresentações em datas festivas e raramente como conteúdo a ser ensinado. Ademais, quando se utiliza a dança como conteúdo, ela se reduz unanimemente ao ensino técnico com exercícios convencionais.

Se na escola as pessoas não têm a oportunidade de construírem uma identidade de dança por meio de propostas diferenciadas que permitam aos indivíduos se expressarem de forma criativa, fica mais fácil deles aceitarem e se identificarem com as propostas que são colocadas pelos meios de comunicação de massa.

No que se refere a um trabalho interessante em dança para crianças e adolescentes na escola, Marques (2001) destaca propostas de dança criativa, dança-educação, dança educativa e expressão corporal. Estes termos possuem objetivos próximos. Para esta autora, os trabalhos desenvolvidos por meio desses objetivos raramente recebem o status de dança, principalmente no mundo da dança institucionalizada, em que são vistos apenas como pura experimentação. Mas, afinal, o que significa dança educativa ou dança-educação?

Rudolf Laban, dançarino e coreógrafo, utilizou deste termo para se contrapor às técnicas rígidas do balé clássico, dando ênfase à exploração da criatividade. O método de dança proposto por ele nega as aulas técnicas e de repertório que são ensinadas de maneira tradicional por meio da cópia e mecanização de movimento, e que, além disso, não permitem que os indivíduos descubram seu jeito próprio de movimentar-se (MARQUES, 2001).

O modelo da dança proposto por Laban pode ser considerado um importante método a ser ensinado na escola, pois instiga a criatividade dos alunos, dá ênfase ao movimento espontâneo, e permite que suas personalidades sejam mais bem trabalhadas.

Além de aulas de danças que permitam aos alunos expressarem as diversas possibilidades de movimentos, é pertinente que essas aulas sejam envolvidas com conteúdos teóricos para que os alunos também comecem a pensar e dialogar a dança de uma maneira mais crítica e contextualizada.

Considerações finais

Podemos dizer que a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos frequentadores dos espaços informais de danças em Goiânia por meio da constante reprodução de modelos de corpos e movimentos dançantes expostos principalmente pela televisão e internet. Esses modelos são facilmente identificados por esses sujeitos que os consomem e reproduzem de uma maneira superficial e acrítica, achando esses modelos a única razão de ser.

A fácil identificação e o consumo desse tipo de dança se dão porque essas pessoas não conhecem, não são incentivadas, e nem tentam buscar pelo diferente. Essa não busca pelo diferente acaba deixando essas pessoas à mercê dos mecanismos persuasivos propostos pela indústria cultural. E o que é pior, a indústria cultural vem se mostrando bastante eficaz em umas das suas mais importantes funções, desacostumar muitos indivíduos de expressarem suas subjetividades.

Acreditamos que o meio principal para que transformações produtivas sejam feitas na sociedade é uma educação comprometida com a realidade na qual vivemos. Uma educação na qual acreditamos é aquela em que se produzam consciências verdadeiras e façam os indivíduos terem uma visão de mundo mais crítica, com plena consciência de seu papel no sentido de modificar essa realidade.

Em relação à dança, é prudente que essa ideia que parte das pessoas possuem em relação à dança seja transformada. Para que isso aconteça é necessário que as propostas diferenciadas de danças ultrapassem os muros das universidades e do público elitizado e sejam apresentadas às crianças e adolescentes nas escolas, mediante um ensino contextualizado, em que os alunos possam enxergar que também podem fazer suas danças e se perceberem como sujeitos criativos.

Enfim, não é nosso objetivo, com esse estudo, privar as pessoas de dançarem as danças disseminadas pelos meios de comunicação de massa, mas sim, que ao menos as pessoas quando forem consumi-las saibam o que está por trás de toda essa mercadorização e tenham plena consciência crítica do que está consumindo.

The body within dance: a reflection from cultural industry viewpoint

Abstract

In this study, we aimed at understanding how the Cultural Industry affects the dance of frequenters (persons who usually go a place to dance) in informal spaces at Goiânia city (State of Goiás, Brazil). Such informal spaces are the place where some persons met to dance and for leisure. A qualitative study was performed including semi-structured questionnaires and observations recorded by using notes and focusing on answering the question: How does the cultural industry affect the body of subjects who dance in informal spaces at Goiânia city? By using our results, we observed that the cultural industry has been quite effective regarding dishabituating subjects of expressing their subjectivity.

Keywords: Body - Dance - Culture Industry

El cuerpo en la danza: una reflexión de las miradas de la industria cultural

Resumen

El objetivo es entender cómo la industria de la cultura influye en los movimientos de baile en clientes espacios informales de Goiania, estos espacios son entendidos como lugares donde las personas se reúnen para bailar y en la práctica por igual. Hubo un estudio cualitativo con semi-estructurados y observaciones registradas por medio de notas en estos lugares con el fin de responder la siguiente pregunta: ¿Cómo funciona la industria de la cultura influye en el cuerpo de la gente bailando en los espacios informales en Goiania? A través de los resultados se observa que la industria cultural está demostrando ser muy eficaz en función de destetar a los individuos para expresar sus subjetividades.

Palabras clave: Cuerpo - Danza - Cultura de la Industria

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARANHA, M. L. A. de. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BAPTISTA, T. J. R. **Educação do corpo: produção e reprodução**. 2007. 152f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo dança em aulas de Educação Física:

temos o que ensinar? **Pensar a Prática**, v. 6, p. 45-48, jul/jun. 2002-2003.

BENJAMIM, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Lisboa: Relógios d'Água Editores, 1992. p. 75-114.

BERGERO, V. A. **Indústria cultural e dança**: superando cisões e reinventando humanidades na Educação Física. 2006. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CARVALHO, Y. M. Cultura de consumo e corpo. In: CONGRESSO REGIONAL SUDOESTE DO CBCE, 1., 1999, Campinas. **Anais...** Campinas: Oficinas Gráficas da Universidade Estadual de Campinas, 1999. p. 244-246.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

GONÇALVES, M. A. **Sentir, pensar, agir**: corporeidade e educação. Campinas: Papyrus, 1994.

MARQUES, I. **Ensino da dança hoje**: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, K. **Manuscrito econômico filosófico**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. M. (org.) **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-23.

SANTOS, C. G. dos. **Dança, arte e educação**: os discursos teóricos produzidos para a escola. 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

SILVA, A. M. **Corpo ciência e mercado**: reflexão acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de Educação Física**.

Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em: 28/09/2009

Revisado em: 09/01/2010

Aprovado em: 30/03/2010

Endereço para correspondência

marilianepomuceno@hotmail.com

Marília Nepomuceno

Colegio Estadual Polivalente Goiany

Rua C-68, quadra 115, nº 336 - Setor Sudoeste

CEP: 74305-470 Goiânia - GO Brasil